

APRESENTAÇÃO

No momento de consolidação do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, o surgimento de um número especial da Revista *Leitura*, enfocando a interseção entre Literatura e Psicanálise, recupera, sem dúvida, o texto freudiano no século XXI e mostra a sua atualidade. O diálogo com as artes em geral, e com a literatura em particular, motivou novas produções no campo psicanalítico desde os seus primórdios, ao tempo em que re-significa a máxima lacaniana de que o inconsciente é bordado nas tramas da linguagem.

Em terras alagoanas, a metáfora da água possibilita pensarmos a autonomia do significante que, maleável na sua forma, recorre insistentemente ao literário para questionar as coisas da Literatura apoiado nos conceitos da Psicanálise para nadar pelos meandros linguageiros revelando o inconsciente com suas leis e sua ética..

No ato de ler, imposto pela letra, se repete algo da ordem do prazer estético reafirmando o desejo que só é possível frente à falta, estruturante do sujeito, que não se contenta com o já-dito. Repetir; dizer mais uma vez; ler Freud, ler Lacan; re-ler Freud; re-ler Lacan em seus ditos e escritos, renova o ensino da Psicanálise e a inscreve como um saber capaz de dialogar com outros saberes. Herdeiros(as) de Freud, recorreremos ao campo privilegiado da literatura para procurar o que se encontra velado ao campo psicanalítico e como a literatura se presta para dizer o que a Psicanálise não alcança, pois, segundo P. Gay (1980), Freud já vislumbrava as complexidades que envolviam estes dois campos. Nossa intenção aqui não é questionar a Literatura a partir do saber psicanalítico, mas seu inverso, ou seja, o que o texto literário nos apresenta que não é alcançado pela Psicanálise? É do não-sabido que desejamos saber. Nos dizeres de Villari (2000), a interseção Literatura e Psicanálise *“pretende fazer falar o texto literário, encontrando em suas palavras aquilo que mal sabemos articular na teoria psicanalítica”*. O desejo é o de um bem-dizer que pode ser encontrado no texto literário, em seus volteios pelo simbólico.

Foi muito gratificante o ato de receber os artigos para compor este número da Revista, pois mostra que a crítica literária que se afirma como psicanalítica no Brasil tem trazido para sua seara novos nomes e novos avanços. Bordejando temas como a morte, a memória, o sujeito, o feminino, a escrita, a melancolia, a loucura, o estilo acompanhamos o texto que se marca com sua escrita pulsional amparado pela letra a se deslocar nas águas lodosas da linguagem em busca de ser compreendida. Na arte poética de Drummond, de Gabriel Garcia Márquez, de Clarice Lispector, de James Joyce, de Breno Acioli, de Maria Lourdes Hortas, entre outros, buscamos essa compreensão. Falar para ser entendido, eis o grande desafio do texto literário que se quer revelado através dos conceitos teóricos da Psicanálise ainda que preserve certo pudor, melhor dizendo, preserve algo no palco do texto à espera de novas visitas do leitor. A Psicanálise, assim, não se configura como chave crítica exclusiva para o texto literário e, na sua relação com o inconsciente, a linguagem serviria de farol para o sujeito deslizar por terras literárias e nelas fazer sua inscrição.

Desejamos que os textos aqui apresentados incitem novas discussões e impulsionem outras produções e para isso convidamos você, leitor, a comparecer à cena e, assim, fazer texto, fazer escritura, assinar o campo da intertextualidade e da interdisciplinaridade relançando uma escritura a partir do saber da Psicanálise e do saber da Literatura. Um saber que se organize no entre-dois, pois ainda deseja do leitor o "ame-me" que se encontra em toda escritura, no sentido proposto por Barthes.

Em cada artigo aqui reunido encontramos um pedacinho de escrita que acolhe e reenvia o sujeito para o desejo de saber, para o conhecimento, para novas possibilidades de produção. É assim que a teoria psicanalítica pode iluminar o texto literário que, senhor de si, tem o saber. Freud tinha razão: é preciso *"encontrar as palavras para muita coisa que permanece muda em mim"*. É preciso entrar em contato com a falta que cria o espaço do desejo para continuar escrevendo.

Lenice Pimentel

Organizadora